

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

# Tramas de meninos

*Contos*

ALFAGUARA  


# Começo

Era naquela hora que começava. Eu sentia. Meio da tarde, domingo. Às vezes tínhamos ainda algum tempo para gastar juntos, quando então eu fazia um café e nos sentávamos nas cadeiras da varanda, perguntando um ao outro algo que havíamos esquecido — ou fingíamos esquecer — durante o fim de semana. Éramos (somos) tão parecidos, ambos deixando para o último instante as únicas palavras que poderiam nos salvar da distância em que vivíamos e amenizar a saudade entre pai e filho.

Também às vezes, só para me agradar, pois não se interessava mais por futebol como em menino — eu amava aquele tempo que jogávamos bola no quintal e o deixava me driblar —, ele resolvia ficar até o final do jogo sentado ao meu lado no sofá, comemorando um gol aos brados enquanto eu o observava em silêncio, tão crescido dentro de mim. Era naquela hora que começava.

Mesmo quando ele, como acontecera numa ocasião, por conta de uma pane no motor do carro, anunciou que iria embora só na segunda-feira pela manhã, eu senti, como sempre, que naquela hora, a tarde de domingo ainda exuberante de sol, naquela hora é que começava — e, depois, não havia nada que a interrompesse, nem mesmo a sua presença viva, por mais alguns momentos, em casa, comigo. Nem mesmo os planos que fazíamos com sincero contentamento para o próximo encontro — eu já grávido da esperança de revê-lo no mês seguinte, se o

destino não nos punisse com os seus imprevistos — podiam deter em mim a força irreversível daquele começo.

Era assim: ele — já um homem —, vivendo na capital, vinha me visitar de tempos em tempos, seguindo as datas de um calendário que só existia em nós, e cujo desfolhar nem sempre nos coincidia; e não porque, em vez de viver a minha vida sem ele, eu vivesse apenas a esperá-lo, mas porque quem espera jamais tomará o lugar de quem vai chegar.

Atravessávamos aqueles dias comentando as notícias que flutuavam sob a superfície do mundo, preparando e comendo as refeições juntos, relembrando episódios de sua infância, a época em que ela, a mãe, se foi, e ele perguntou, *Então morrer é isso, pai?*; *Sim, filho, morrer é isso, a gente vai um pouco embora com quem morre*; nós dois ali, fazendo coisas banais, que, no fundo, disfarçadamente, iam nos levando ao núcleo de nossa existência.

Dessa vez sucedera o mesmo, desde que ele estacionara em frente de casa, na noite de sexta, depois de viajar horas e horas até se materializar diante da porta, que eu lentamente abri — o vulto esguio semelhante ao meu; o rosto que, mesmo à contraluz, não escondia uns traços dela, mãe —, a lua lá no fundo do céu para além de sua cabeça, *Oi, pai*, e eu, *Oi, filho, entre, fez boa viagem?*, um abraço ligeiro, os corpos a fugir um do outro, porque, quando estamos plenos de alguém, um simples abraço pode nos fazer transbordar, rompendo o equilíbrio alcançado, aflitivamente, graças aos vazios que a separação e os dias nos deixam.

Ele havia comido sanduíche num posto da estrada e, como sempre, trazia a maleta à mão, não precisava de nada, a não ser a toalha (que eu colocara sobre a sua cama), o banho rápido e o sono em seguida, *Boa noite, pai*; *Boa noite, filho*; e era assim o reencontro, quase um nada, não fosse eu me sentar na poltrona da sala, no escuro, para ouvir o rumor de

sua respiração — uma vida gerada por outra e que, então, em sentido inverso, também gerava a anterior.

O sábado era, enfim, o dia da entrega, de nos acercarmos ao máximo um do outro, pela partilha do mesmo espaço — a ausência dispensava qualquer aproximação, nela já vivíamos colados —, a casa onde nossa história estava impregnada nas paredes, nas gavetas, abaixo do assoalho. Lá ficávamos, sentados na cozinha, ou na sala, sem nada fazer senão falar das coisas que nos vinham à memória — ele, dos progressos no trabalho; eu, de uma nova loja na cidade —, não porque fossem assuntos urgentes, era apenas o nosso jeito (talvez o de todo mundo) de esquecer provisoriamente a certeza da finitude. Um dia não estaríamos mais ali; mas enquanto estávamos, podíamos usar as palavras — para isso haviam sido inventadas —, podíamos com elas disfarçar a alegria quase insuportável de ter de novo, à nossa frente, um ao outro.

E se as palavras, chamadas para acender as nossas conversas, serviam também para calar o que sentíamos, nossos atos diziam o mesmo, embora o que não diziam fosse igualmente expressivo. Saíamos pela cidade, a caminhar a pé pelas ruas, pisando nas pequenas ilhas de luz que se formavam no asfalto quando o sol atravessava a folhagem das árvores, para fazer compras no mercado municipal, ou apenas para sair de casa e viver juntos o mesmo momento, era só isso que interessava, eu com meu filho, sem precisar dizer nada, o rosto de ambos já o dizia — *Vejam, esse saiu daquele, mas os olhos são da mãe* —, e ele, também, bastando-se, sereno, por estar à direita do pai.

Depois do almoço, permanecíamos em casa, cochilando, eu me pegava a ler o jornal, enquanto ele assistia a um filme na tevê, os dois quietos, informando um ao outro, assim, a satisfação de estar ali — ao menos, era o que eu sentia —, *É bom ter você em casa, filho; Já não é a minha casa, pai, mas aqui estou por você*. Ou, então, íamos visitar algum parente, com

quem ele, em conversa, acabava por contar fatos que talvez eu não soubesse de outra maneira.

À noite, pedíamos por telefone esfihas e cerveja; se fazia calor, ficávamos no quintal, a lua sobre nossa cabeça, silenciosa como os vasos de antúrio rente ao muro que antes, cuidados por ela, a mãe, eram mais viçosos. O que eu podia querer, além daquelas horas com ele? Ela, de volta? Ela se fora e jamais voltaria; mas ela estava ali, na curva do queixo dele, no modo como olhava o mundo, na leveza dos seus gestos.

Ele se erguia, andava até o muro, debruçava-se para ver as casas iluminadas tremulando lá adiante, um carro a passar na rua. Eu, entorpecido pelo álcool e pela comida — e muito mais por sua visita —, fechava os olhos, fingia dormir para sentir aquele braço de existência que saíra de mim e, sozinho, regia o próprio curso.

No domingo, eu despertava ensolarado, tinha toda a manhã para desfrutar de sua companhia, embora nem sempre ele se levantasse cedo, o que não importava — desperto ou no sono, ele estava à minha mão, e senti-lo ali, respirando entre as mesmas paredes, tornava-o mais forte em mim.

Logo seria a hora do almoço. Era eu quem temperava a pequena peça de carne, e ele quem, depois, vigiava o único espeto, nós dividindo as tarefas e os pães de alho — ele preferia os mais queimados, como a mãe. Eu gostava de vê-lo comendo devagar, dizendo sim à vida, os dois no quintal, cada um com todos os seus dias no corpo que se sentava, se deslocava, dizendo, *Estou aqui, pai; Estou aqui, filho; Estamos, estamos só mais um pouco; Mas agora é que conta, e, agora, aqui estamos...*

Lavávamos a louça e a deixávamos no suporte sobre a pia a secar com o vento que entrava pela janela da cozinha. Ficávamos, então, dispersos pela casa, e era aí que começava, eu sentia. Começava, mesmo se ele pegasse, como agora, uma revista para folhear, demorando-se para

arrumar a maleta, fingindo que a despedida seria só mais tarde, que não devíamos antecipá-la, o seu tempo, inevitavelmente, chegaria e aí, sim, seria a sua hora em nós. Mas era domingo, meio da tarde, e ela começava: a saudade. A saudade, que ia se estender pelo mês inteiro — e só se reduziria quando meu filho retornasse numa nova visita. Era naquela hora que começava: com ele ainda aqui, na sala, diante dos meus olhos.

# Quem?

## *Os quatro*

... não, não podia ser, se as lembranças vinham em pedacinhos, misturadas como sol e sombra, as boas e as más, aquela ia ser uma que não fazia parte desse mundo, a notícia chegava, na voz do policial rodoviário, de um território de fábulas, uma hipótese impensável pra qualquer um da família, tanto que ele, o celular colado à orelha, ouvia as perguntas e as respondia como se falassem com outra pessoa, não, não era verdade, tinham saído os quatro ainda há pouco, iam ao pico do Selado, só pra ver lá de cima a cidade, tão lindo o dia sem a cortina das nuvens, e o vento trazendo o cheiro de ervas, e ele, não, a mente rebobinando, podia vê-los à mesa, ainda agora, vimos, o pai na cabeceira, bebericando o copo de limonada, a sorrir, o pai, começo de todos, e o tio, o tio ao lado dele, quase sócia, não fosse a cicatriz na testa, o coice de um potro nos tempos de peão, e a irmã, que era antes de tudo aqueles olhos azul-turquesa, e só depois era o rosto a cintura o corpo inteiro, e o menino, estômago em redemoinho, o menino, o seu menino, meu Deus, só nove anos, não, não podia ser, a realidade tremia inteira nele, não se ajustava ao vaivém de sua respiração, não podia ser, o pai, o tio, a mana, o filho, eram e não eram eles, sim, confirmo, mas deve ser um engano, domingo, a vida total, fechada pra maldades, era domingo e não segunda-feira, como se o destino atuasse apenas durante a semana, coisas ruins só a partir de amanhã, e o policial não, desculpe, senhor, é isso

mesmo, desossando-lhe a razão, e, pior, destripando-lhe a esperança, não podia ser, domingo, a mãe tinha ido dar um cochilo, só pra aquietar o coração às tampas de alegria, os filhos e as noras e os netos estavam ali, haviam chegado ontem, pro aniversário dela, a mãe, a mãe, podia já ouvir os gritos dela, de parto às avessas, quando a avisassem, fosse quem fosse, porque dali em diante a memória iria arder inteiramente, a qualquer hora, até quando aspirassem o ar fresco da manhã, até quando estivessem felizes por um instante, enganando sem querer a realidade, não, ninguém mais, entre todos, espalhados pela casa, ninguém, os ventres pesados de macarronada e pernil, teria paz na vigília dos dias, iriam todos desejar visceralmente a noite pra cair logo no sono, só aí poderiam esquecer o pesadelo que, a partir dali, se iniciaria todas as manhãs, ao abrirem os olhos, aquela notícia, não fossem eles tão demasiadamente unidos, deceparia, como um machado, a grossa vontade que possuíam de seguir vivendo...

### *O pai*

... o pai, o pai era o tronco onde todos vinham se escorar, a mãe a terra fofa, sim, mas o pai o carvalho, resistente às agruras, e, apesar do passado seco, de camponês que arava solo de pedra, estava sempre rebentando em sorrisos, lá no seu fundo ele era nutrido pela seiva da generosidade, o pai, não, o pai indestrutível não podia ser anulado assim, sentado, talvez até dormindo, à direita do tio que dirigia o carro, embalado pelas rotações do motor, o policial dissera, somente um, os outros três no hospital, sim, vivos, mas um, ainda não sabiam qual deles, era bom que alguém da família viesse, acontecera na subida, colisão com uma caminhonete, mas quem?, quem?, não podia ser o pai, o pai não, o pai era todo sim, daquele jeito silencioso, o pai não usava uma palavra pra doer em

ninguém, mesmo se quisesse, e as palavras vindas dele, até as doces, eram mais fortes que as suas mãos, ele se lembrava de quando brincava com as mãos do pai, o dedo correndo por aqueles sulcos que nelas a enxada tinha lavrado, o pai quem degolava os frangos, quem matava os leitões, quem fatiava a carne, o pai quem batia a massa quando a mãe queria assar um pão mais leve, o pai o menos faminto, o que se bastava com quase nada, o canto dos sabiás à janela e os filhos ao redor com suas dúvidas todas, e o pai à espera de que as desenovelassem, pronto pra devolver a situação já analisada, o pai era do ato, não só da prece, à prece o pai somava os pés mesmo se descalços, nada vai pra frente, filho, sem a sua própria providência, e ele queria mais detalhes, agora a consciência sincronizada com a fala do policial, como se, ao saber dos detalhes, tivesse o poder de desfazer a ocorrência, como se a verdade pudesse ser recolhida e devolvida ao mundo das possibilidades, igual a água ao rio, não, o pai não, o pai colava o rosto ao rosto de seu menino, o neto querido, uma ponta e a outra da mesma linhagem, uma cena terna repetida ali minutos antes, sim, terna só pra ele, fio que ligava a história deste à daquele, porque cada um é só a sua própria dor, a do outro não lhe cabe, como não lhe cabe no pé o sapato largo ou apertado, o pai dizia, filho, o que é seu é seu, é obrigação do homem costurar a alma ao seu destino, com a agulha grande se costuram sacos de estopa, a pequena só serve pra cerzir tecidos finos, não, não podia ser o pai, a não ser que a batida tivesse sido do lado dele, assim, um impacto tão brutal, capaz de moer pele, músculos e ossos como se fossem da mesma consistência, embora não pudesse se equiparar, nem de longe, à força nefasta que aquele fato, saindo fresco na voz do policial, causaria na família: o dique de tranquilidade se estraçalhara...

*O tio*

... o tio, o tio também não, o tio demais querido, se o pai as mãos, o tio os olhos, ninguém via o mundo como o seu ver, tantas vezes as sementes esturricando ao sol, e os outros vendo todas iguais, uns grãos de cascalho, mortos, nada mais, só o tio tirando árvores delas, o tio via quando um deles estava se pelando, o mal a queimar em labaredas lá dentro, o tio logo percebia no meio das palavras, mesmo as lambuzadas de mel, aquela que carregava o vírus, e, então, então, com o jato de sua presença, o tio dizia, vem, vem aqui fora, na varanda, deixa eu te contar uma coisa, e aí ficava olhando lá no fundo do outro, à espera do fogo, ouvindo-o já a crepitar e acolhendo-o com o seu destilado silêncio, e o seu silêncio dizia, vamos, pode contar, e quem é que não gostaria de entregar suas brasas à água do tio?, não, não, o tio fazia a serra respeitar a madeira, não deixava criar lodo nas conversas, vamos mudar de assunto, dizia, se o conflito eclodia, pisar na mesma tecla abala o mecanismo e compromete toda a escrita, o tio sempre estivera na vida deles, como o dia e a noite, a cerca na paisagem, não pra impor limites, mas pra mostrar o que há no vão entre os arames, não, o tio dirigia tão bem, o tio quem ensinara alguns deles a guiar, botando-os no colo, segure firme a direção, segure firme, o tio via o mundo do jeito que o mundo não era, mas do jeito que deveria ser, os olhos já corrigindo os desníveis, a colocar um tom mais forte no azul do horizonte esmaecido, será que não tinha visto a caminhonete?, ou a caminhonete é que, seu guarda, não pode ser, mas o policial, habituado a esses sustos, as pessoas demoram pra aceitar a pedra da verdade, o nariz no vidro e se negam a aceitar a cena que transparece à sua frente, como não tinham visto?, como não veem?, é isso, aconteceu, meu senhor, desculpe o jeito, o policial, um arauto resignado, não, o tio não, o tio que amavam tanto, principalmente a mana, sua afilhada, o tio era outra versão do pai, mas sem o peso do pai, sem as ordens veladas do pai, o tio é quem enxergava a doença no berro

dos bezerros, a morte no boi mais gordo, o tio, o tio foi quem vira nele, antes que o fosse plenamente, o escritor de hoje, não porque ele aprendera o abecê em tempo recorde na escola, um orgulho pra mãe, que lia tudo aos tropeços, gaguejando entre a palavra e a coisa por ela designada, ou porque o tio soubera dos bilhetes elogiosos da professora, esse menino já nasceu sabendo ler, não, o tio disse um dia na varanda, os parentes reunidos, sem saber que ele ouvia oculto pelas samambaias, olhem bem pra ele quando alguém conta uma história, dá pra ver que deseja mudar os fatos e o desfecho, ele quer mais dessa comida, sinal de que esse mundo não lhe basta, o tio, o tio havia dito a ele, são só vinte e seis letras, mas com elas você pode escrever todas as histórias, o tio não, o tio via lá adiante, cego era o motorista da caminhonete, e ninguém poderia deter um cego se Deus lhe retirara a vista e os freios, os freios...

### *A irmã*

... não, a mana não, ela tão frágil, magrinha, quase sem matéria por baixo daquelas roupas largas, sempre se escondendo, como se houvesse outro lugar além de seu quarto onde ela pudesse estar, quando não estava mesmo nele, às vezes ela ali, só em corpo, igual uma flor fora da terra, sem vento pra mover seu caule, uma flor que eles costumavam tirar de seu canto, como um vaso, mal escutavam os trovões a prenunciar tempestade, ela se acomodara no banco de trás, ele se lembrava agora, será?, será que tinha sido ela?, a única mulher no carro, uma criatura fácil de se partir, um graveto, mas o policial não, não sabia, não fui eu, foram dois colegas meus que socorreram, mais frágil que a mana só mesmo o menino que se sentara junto dela pra acariciar os cabelos do avô, a mana não, a caçula da casa, a mãe não esperava mais vida saindo de si, gravidez tardia, como se o destino estivesse adiando a entrada dela neste mundo

pra que encontrasse menos atrocidades por aqui, sobretudo aquelas cometidas sem revólver, faca, estilete, aquelas que vinham sufocadas por silenciadores, como os olhares e os sorrisos, a mana, que ao cruzar a sala não arrancava nenhum gemido do assoalho, nem estremecia os móveis ou rabiscava rachaduras nas paredes, a mana que não era caibro, viga, moirão, apenas ripa de apoio, mas sem ripa nenhuma cumeeira se sustenta, sem fresta no telhado nenhum raio de sol se infiltra, era uma bênção ter uma pessoa como a mana na família, com aquele seu jeito, subterrâneo, ela, desde criança, arriava a janela do quarto e ficava mirando a manhã lá fora, esperando o destino se revelar aos poucos dentro de seus olhos azul-turquesa, porque nada era de uma vez, de um gole único, pra ela, o inteiro não se faz inteiro num só olhar, a vista não alcança tudo numa vida, a mana não, a mana que vinha tomando lentamente o lugar da mãe na cozinha, pra mãe ainda se sentir solo fecundo, entregando à filha o segredo dos temperos, a alquimia dos molhos, o ponto certo das carnes, porque eles precisavam de alimento forte pros dias esperançosos do plantio, as tardes intermináveis da safra, as noites de temporal quando ficavam retidos nos atoleiros, a mana não, o policial insistia em falar dos três vivos, sim, nem poderiam imaginar se todos e não apenas um, mas quando existe amor não há como se comparar perdas, ele queria os quatro ali, na rígida configuração do presente, como minutos antes, a mana não, agora só faltavam dois meses pra ela se formar, pra começar a lecionar na escola, ela iria retirar a casca de ignorância das crianças da cidade e substituí-la pela delicada pele de suas lições, não, a mana não, o destino não podia cortar uma tira de seda com cacos de vidro...

*O filho*

... não, o menino não, só nove anos, meu Deus, queria que não tivesse entrado no carro do tio, mas ele mesmo, pai, quem o pusera no banco de trás, pertinho da mana, vai, filho, você gosta tanto de ir ao pico, aquela vista de calar qualquer pessoa, pela grandeza que oferecia aos olhos, o mundo quieto se fazendo lá embaixo, imperceptivelmente, como um brinquedo desligado, à espera do controle remoto pra colocá-lo em movimento, uma vista que ninguém podia ver sozinho, de tanto que aumentava a compreensão, ainda mais pra uma criança, de um ver ainda virgem, e ele pressionava com o ombro o celular à orelha, já quase a uivar pedindo ao policial que fosse mais exato, tinha um menino, como estava o menino?, e a voz do outro lado, não sei, senhor, só sei que me pediram pra avisar, três estão no hospital e um, não, não, o menino, não podia ser o seu menino, o que ia ser da mãe que o havia cultivado no solo de seu ventre e o colhido aqui, desse lado áspero, onde o dia e a noite se revezavam no transporte das dores cotidianas, ele se recordava da primeira vez que o levara ao pico do Selado, quase dois mil metros de altitude, filho, um mirante pela própria natureza, e o menino em êxtase mudo, um fascínio perigoso, um quase medo, como o sapo diante da serpente, encantado com o abismo do sublime, o menino lá, descobrindo que tudo aquilo já era dele, porque poderia ir sempre ali, pra olhar, e o que os olhos pegam se torna nosso e vai se misturar depois, nos forros da memória, a outros veres e haveres, não, o meu menino não, só uma criança, mas, é verdade, as crianças não sossegam em viagens, elas se viram e reviram, tiram o cinto de segurança, impacientes, perguntam sem parar, tio, falta muito?, vô, já chegamos?, pai, vai demorar?, não, meu Deus, que o menino tenha um caminho longo, os dias sem ele, todos, dali em diante, seriam como andar sobre um pântano movediço, nunca mais o sol seria só o sol, o futuro um sonho verde a madurar, a história só uma história, tudo se revestiria, até a sua medula, de negro,

até o negro mais negro empalideceria com o espesso nanquim de sua ausência, tão parecido com ele era o menino, não, já uns e outros acordavam na casa com a exaltação de sua voz, impossível não captar nela o tremor sísmico, não, o menino não, só uma lei do cosmos, abjeta, pra implodir com aquele acidente a paz de uma família, o menino recebia o mundo com as mãos limpas, sem o barro deles, o menino fazia que esquecessem as horas áridas, as travessuras contra as pragas de insetos, a risada contra o murro na mesa, o menino não, o menino era a rama aprimorada, não, não podiam retirá-lo dali tão cedo, rasgando a vida do pai, da mãe, de todos, como uma folha de papel, não, o menino não, Deus não podia ter uma escrita tão diabólica, o menino não, e o policial, senhor, senhor, o menino não, não, não, não, o menino não, não, não, não...

# Os dois

Não compreendi naquele tempo — eu menino — o mundo íntimo deles, do pai e da mãe, quando éramos, então, seis lá em casa. Até mesmo eu, o caçula, percebia como os dois trocavam, um com o outro, o sim pelo não. Como, mansos num instante, desigualavam-se com virulência noutro.

Nada acontecia de grande naqueles nossos dias. Era o comum, em vilarejos. Amanhecia: a gente ia à escola, o pai à venda e a mãe às tarefas domésticas — e tantas havia, que a cada um dos filhos cabiam muitas: Gisa ajudava na cozinha e na limpeza dos banheiros; Tati varria e encerava o assoalho da sala e dos quartos; Luiz botava o lixo na rua e ajudava o pai na venda; e eu, eu fazia o que convinha ao meu tamanho (umas brincadeiras).

Um e um, e todos, vivíamos lá as nossas aprendizagens, solitários ou, às vezes, misturados: Tati e Luiz costumavam assistir tevê juntos — eram fãs dos mesmos programas —, Gisa me ensinava a lição na mesa da copa, enquanto o pai e a mãe falavam na cozinha de assuntos maiores — no futuro, eu iria descobrir quais eram e a sua enganosa dimensão —, e, ainda assim, ficavam de olho em nós, seu entorno.

Então, de repente, a voz da mãe, baixa e de carícias, se elevava e, logo, a do pai, grave e mineral, se sobrepunha à dela, para, a seguir, ser solapada por um grito da mãe. E, aí, as palavras rilhavam o ar, ricocheteavam pelas paredes, emaranhavam-se, até que o som seco de um murro na mesa, ou de um prato a se estilhaçar no chão, ecoava — a mãe

passava correndo pela sala, os olhos enevoados, e se enfiava no quarto; o pai saía para os fundos, onde ficava, em meio à fumaça do cigarro, esbravejando contra a sombra das árvores.

Esses episódios se repetiam, com pequenas variantes: uma risada provocativa ressoava e, em seguida, uma xícara se quebrava; um cantarolar da mãe e, em resposta, um improperio do pai. Nada podíamos fazer, senão nos condoer, num mutismo cúmplice, e, vendo-os, no dia seguinte, conversando alegremente, só nos restava esquecer o ocorrido e desfrutar da nossa precária calma.

Eu não entendia o funcionamento do universo, embora meu olhar não se concentrasse somente numa fração ínfima de sua engrenagem — antes de dormir, ficava a pensar na imensa máquina do destino e suas infinitas combinações. Tinha poucos amigos e quase não frequentava suas casas, via a mãe de um aqui, o pai de outro ali, mas nunca ambos juntos, esse contando àquele as vivências de seu dia, o homem a abraçar a mulher, ou os dois em ruidoso desacordo, de forma que não me sentia nem triste (quando presenciava as cenas de conflito entre meus pais), nem feliz (quando os surpreendia de mãos dadas, em harmonia). Sem a consciência de agora, eu sentia apenas que estava vivo — e viver era aquilo, aceitar simplesmente o que me acontecia, fosse dor ou contentamento. Até porque Gisa e Luiz, mais velhos, não aparentavam inquietação nem receio com a imprevisibilidade daquelas marés. Estavam habituados a elas e, imagino, convictos de que não havia maneira de prever os próximos confrontos, nem um alarme capaz de nos alertar a sua iminência.

Assim seguíamos, cada um voltado para as suas miudezas, que, às vezes, eram também as dos outros, a viver a sua história pessoal, tão colada à da família, nós todos essenciais para nós, embora para a cidade fôssemos apenas meia dúzia de habitantes, e, para o mundo, gente

anônima, dados, números. Ignorávamos, flagrando a mãe deitada no sofá, o pai a acariciar os cabelos dela, que ambos estavam ali, em verdade, mais próximos de uma nova explosão.

E esse dia, de transbordamento, chegou, desprendendo-se, irremediável, de um futuro que poderia ser outro, mas não foi. Fazia um calor de amolecer, o pai e a mãe estavam na varanda, num namoro de sussurros, e, então, as vozes começaram a se alterar, e, numa escalada rumo ao topo, em segundos chegaram lá. Os barulhos nos surpreenderam, pelo ineditismo. Primeiro, um copo se espatifou, e logo outro, depois algo que pareceu um vaso. Em seguida — susto maior — o som de um soco. Dois. Três. Um uivo da mãe e seu choro lancinante esfaqueou o ar.

Corremos até os dois, mais para ver do que intervir, e quase fomos atropelados por ela, que entrou em casa soluçando e se fechou no banheiro. O pai atravessou a rua, sob o sol fulminante da tarde, deixando às suas costas o portão escancarado. Na varanda, cadeiras caídas, terra dos vasos esparramada, estilhaços de vidro — a ordem em cacos. Ao comando de Tati, fomos botando tudo no lugar, iniciando, então, uma rotina de apagamento imediato dos vestígios. Como se, assim, a vida se normalizasse e o sossego familiar, ferido, cicatrizasse mais depressa.

Na manhã seguinte, a mãe apareceu de óculos escuros — para ocultar o hematoma no olho — e se manteve em casa o dia inteiro. A pedido dela, Luiz foi à farmácia buscar uma pomada. O pai dormiu duas noites no sofá. Mas, na terceira, quando assistíamos à novela, os dois já se sorriam; e, se por um lado, esses sorrisos reduziram a minha aflição, por outro me doeram como ofensa. A mãe, ao me dar boa-noite, talvez desconfiada de que, à diferença de meus irmãos, eu não entendera que devia ficar calado, murmurou em meu ouvido, mais como súplica do que ameaça, *Querido, não conte nada pra sua avó.*